

LITERATURA SURDA: UMA QUESTÃO DE CULTURA E IDENTIDADE

Jaqueline Boldo *

Michelle Duarte da Silva Schlemper **

RESUMO

A proposta deste trabalho é descrever e analisar produções culturais dos surdos, a fim de perceber como o uso da literatura surda, independente do país de origem possibilita a transmissão de cultura e identidades surdas, marcadas principalmente através do uso da língua de sinais e da experiência visual. Dessa forma, o presente artigo procura analisar aspectos culturais e identitários em três narrativas publicadas e reconhecidas pela comunidade surda. A investigação de tais materiais possibilitará evidenciar a busca de seus autores pela autorrepresentação. Tais evidências podem ser percebidas através do uso da língua de sinais, e em suas formas de narrar histórias e/ou adaptar histórias clássicas, tendo como base suas formas de ler, traduzir, conceber e julgar experiências de vida. Reflete-se assim, que a Literatura Surda constantemente se refere à cultura e à identidade surda – independente do país de origem ou do meio de disponibilização da mesma.

Palavras-chave: Literatura Surda; Identidade e Cultura Surda; Língua de Sinais.

ABSTRACT

The purpose of this work is to describe and analyze cultural productions of the deaf in order to understand how the use of deaf literature, independent of the country of origin, allows the transmission of culture and deaf identities, marked mainly through the use of sign language and experience visual. This paper seeks to analyse cultural and identity aspects of three narratives published and recognized by the deaf community. The investigation of such materials brings to light their authors' search for self-representation. Such evidence can be perceived through the use of sign language and in the ways classic stories are narrated and adapted. These characteristics derive from the authors' ways of reading, translating, conceiving and judging their life experiences. Hence, it is proposed that Deaf Literature often references deaf culture and identity regardless of its origin or medium.

KEYWORDS: Deaf Literature; Deaf Identity and Culture; Sign Language.

* Mestre em Educação. Professora Assistente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis - Santa Catarina – Brasil. jaquelineboldo@gmail.com

** Mestre em Estudos da tradução. Servidora TAE do Departamento de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis - Santa Catarina – Brasil. chelly.s@hotmail.com

1. DO RECONHECIMENTO DA LÍNGUA PARA A LITERATURA E CULTURA SURDAS

Por meio da divulgação das pesquisas de Stokoe³ e Chomsky, pode-se compreender que as línguas de sinais possuem as mesmas características das demais línguas orais, sendo reconhecidas como línguas naturais. Tal reconhecimento fez com que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) fosse considerada oficialmente como Língua natural do povo surdo brasileiro, possuindo uma gramática e estrutura que lhe são próprias. No Brasil, nas últimas décadas, ocorreram importantes conquistas das comunidades surdas, entre elas a oficialização da Libras⁴ e o reconhecimento da cultura surda (KARNOPP, 2013).

Segundo Aubert, “cada língua e cada discurso, cada ato de fala, interior ou exteriorizado, literário, técnico, comercial, científico, lúdico ou meramente fútil porta em si componentes e vínculos culturais e é, em si, um fato cultural” (AUBERT, 1995, p. 32). Uma vez que de acordo com o conceito descritivo de Thompson, cultura é “um variado conjunto de valores, crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas características de uma sociedade específica ou de um período histórico” (THOMPSON, 1995, p. 166), ao disponibilizar-se a literatura surda às crianças surdas, promove-se a estas o acesso a toda uma gama de conhecimentos que se encontram arraigados nos materiais literários.

Para Abramovich (1997), por meio do conto de histórias as crianças podem viajar, conhecer e aprender sobre outros lugares, épocas, costumes e jeitos de agir, outros pontos de vista e outras percepções. Respeito, amor, perdão, serviço, coragem, bondade, lealdade, fidelidade, honestidade, são valores exaltados nas histórias infantis. Suas narrativas apresentam personagens que lutam e trabalham pelo bem do outro, incentivam o trabalho cooperativo, o compartilhar, o cuidado do outro. Segundo a autora, ao ouvir histórias:

[...] se pode sentir (também) emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais e viver profundamente tudo o que as

³ Os estudos linguísticos das línguas de sinais iniciaram com Stokoe em 1960. Ele apresentou uma análise descritiva da língua de sinais americana, revolucionando a linguística na época, pois até então todos os estudos linguísticos se concentravam nas análises de línguas orais auditivas. Pela primeira vez, um linguista apresentava os elementos linguísticos de uma língua de sinais. Assim, as línguas de sinais passaram a ser vistas como línguas de fato. Stokoe apresenta uma análise no nível fonológico e morfológico. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Te_xto_base.pdf. Acesso em: 20 abr. 2016.

⁴ Após anos de lutas em LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002. É publicada a Lei da Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 31 jul 2017.

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n.7, p.79-92, 2018.

narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

Valores e crenças (éticos, morais, religiosos) também permeiam as histórias narradas que, “quando traduzidas para a linguagem infantil oferecem às crianças a possibilidade de, em seu tempo, reconhecer os diferentes tipos de crenças e ter a possibilidade de aprender a respeitar aqueles que pensam diferente de si” (SCHLEMPER, 2016, p.33).

Entende-se também que as histórias podem contribuir para a transmissão de costumes e convenções de diferentes povos e épocas, assim como as relações de hierarquia e poder na vida em sociedade. Frequentemente hábitos e práticas de convivência aparecem e são destacados nas histórias narradas, sendo que o cuidado e proteção aos fracos e necessitados (doentes, órfãos e pobres), assim como a exploração e opressão são igualmente temas amplamente discutidos na atualidade (SCHLEMPER, 2016). Para a autora:

Neste bambolear de histórias provenientes de diferentes tempos, lugares e culturas, a criança, fazendo uso dos óculos da sociedade na qual está inserida, tem a possibilidade de avaliar a pertinência ou não de tais práticas. Em um mundo globalizado, multicultural e pluricultural, faz-se necessário reconhecer e respeitar as diferenças e o acesso ao conto viabiliza para as crianças o reconhecimento cultural do outro (SCHLEMPER, 2016, p.33).

A expressão “literatura surda” é utilizada dentro das comunidades surdas para designar as narrativas que apresentam a língua de sinais e a questão da identidade e cultura surda no seu bojo. Para Mourão (2011) podem ser distinguidos três tipos de produções em literatura surda: a criação, a adaptação e a tradução.

Como qualquer outro ramo da Literatura, a manifestação por meio de diferentes gêneros literários como a poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances e lendas, também se faz presente na literatura surda. Sendo que a comunidade surda tem buscado produzir, divulgar e disponibilizar literatura em língua de sinais com objetivo de apresentar aos surdos e ouvintes “suas peculiaridades culturais, suas vivências, suas aspirações, desejos, sonhos e sentimentos” (FELÍCIO, 2014, p. 31).

O uso das narrativas surdas possibilita explorar aspectos visuais e culturais, tornando acessível à criança surda todos os recursos já disponíveis às crianças ouvintes da mesma faixa etária. No entanto, para que tal acesso possa ocorrer com mais efetividade, é necessário que o

professor destas crianças seja surdo ou bilíngue, ou seja, que possua fluência em Libras e envolvimento com a comunidade surda.

A proposta deste artigo, dessa forma, é descrever e analisar produções culturais surdas, a fim de perceber como o uso da literatura surda, independente do país de origem, possibilita a transmissão de cultura e identidades surdas, marcadas principalmente por meio do uso da língua de sinais e da experiência visual.

2. UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE

Pode-se relacionar o conceito descritivo de cultura de Thompson (1995) com a percepção de Bahan (2006), quando este registra que têm sido nos encontros face a face, ocorridos em comunidades e associações surdas, escolas, clubes e casas que o povo surdo tem transmitido sua cultura, valores e crenças, por meio da tradição oral sinalizada⁵. Por meio desses encontros, em que memórias de vivências atravessam gerações (FELÍCIO, 2014), a transmissão cultural vai determinando identidade e tradição ao povo surdo.

Entende-se que as identidades surdas⁶ são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda. Elas se moldam de acordo com a maior ou menor receptividade cultural, também pelo sujeito. As narrativas, os poemas, as piadas e os mitos que são produzidos servem como evidências da identidade e da cultura surda que influenciam e são influenciadas pelo meio na qual estão inseridas. “Os contos em língua de sinais tecidos por pessoas surdas são de suma importância para o desenvolvimento cultural dessa comunidade, sendo forma de expressão e manifestação de identidade” (FELÍCIO, 2014, p. 23). Essa identidade surda, visual, expressa por meio do uso da língua de sinais, sinalizada e/ou escrita, é o que caracteriza a comunidade surda e a diferencia das demais comunidades minoritárias. De acordo com Karnopp e Machado:

As histórias e as representações da cultura surda, caracterizada pela experiência visual, são corporificadas em livros para crianças de um modo

⁵- Bahan, 2006, p.21 - is only one short moment in a long history of storytelling and performance in the American Deaf community. As long as Deaf people have congregated in schools, clubs, and homes, they have passed down cultural patterns, values, and beliefs in the DEAF WORLD from one generation to the next in something very much like an oral tradition.

⁶ Não podemos falar de uma metodologia única, e sim metodologias; é sempre no plural porque não podemos esquecer que são várias as identidades surdas, e o que atende a uma, não necessariamente atende a outra. Decidir qual metodologia utilizar depende de uma complexa interação de fatores individuais e sociais, e todo educador deve estar atento às diferenças.

singular, em que o enredo, a trama, a linguagem utilizada, os desenhos e a escrita dos sinais (SW) evidenciam o caminho da auto-representação dos surdos na luta pelo estabelecimento do que reconhecem como suas identidades, legitimando sua língua, suas formas de narrar às histórias, suas formas de existência, suas formas de ler, traduzir, conceber e julgar os produtos culturais que consomem e que produzem (KARNOPP; MACHADO, 2006, p.14).

Selecionaram-se para este artigo, três contos provenientes de diferentes mídias: DVD, *Youtube* e impressa. Tal seleção deu-se pelo fato de que a partir da bibliografia pesquisada, pode-se compreender que independente do material no qual a literatura surda é disponibilizada, ela possibilita encontrar caminhos de autorrepresentação, transmitindo cultura e fortalecendo a construção de uma identidade visual.

3. PRODUÇÕES LITERÁRIAS EM LIBRAS

O conto de histórias, piadas e experiências são um hábito que acompanha a história das comunidades surdas. Alves e Karnopp (2002) registram que o povo surdo costuma se reunir com frequência para contar e compartilhar histórias, sendo que entre suas preferidas estão contos, piadas e experiência de vida, caracterizados normalmente por apresentar embates entre surdos e ouvintes.

É importante esclarecer que a maioria dos surdos convive com ouvintes, seja no ambiente escolar, de trabalho ou na família. Tal convivência possibilita aos mesmos, a apropriação de meios visuais para compreender o mundo e se relacionar com os não-surdos (ARAÚJO; CARDOSO, 2012).

Por sua vez, esta leitura visual de mundo possibilita aos sujeitos surdos a apropriação destas relações e experiências de vida na criação de suas histórias, contos e piadas. Os gêneros literários explorados na literatura surda não interessam somente aos surdos, mas também aos ouvintes que têm contato com sujeitos surdos. No ambiente escolar, estes podem ser usados com o intuito de permitir aos alunos ouvintes aprender a Libras, entender e respeitar a cultura e a língua dos colegas surdos (Mourão, 2012).

Segundo Mourão (2012) As criações de literatura surda são representadas pelas obras inéditas criadas dentro da comunidade surda. Podemos citar *Tibi e Joca* (BISOL, 2001), o *Feijãozinho Surdo* (KUCHENBECKER, 2009), *Casal Feliz* (COUTO, 2010), *As estrelas de Natal* (KLEIN; STROBEL, 2015) entre outras. Nestas, a cultura e a experiência surda são

latentes. Por sua vez, as adaptações culturais se verificam quando há alterações, substituições claras relativas às questões culturais e linguísticas, durante a transmutação de um conto já existente para cultura surda. Expressam a busca pela identidade surda e pelo empoderamento do povo surdo, por meio do uso da língua de sinais. Segundo o autor, ao reconhecer o valor dos clássicos da literatura mundial, com o objetivo de possibilitar um discurso que apresente representações sobre os surdos e suas vivências, alguns autores empreendem uma adaptação para cultura surda. *Cinderela Surda* (HESSEL; ROSA; KARNOPP 2003), *Rapunzel Surda* (SILVEIRA; KARNOPP; ROSA, 2005), *A cigarra surda e as formigas* (OLIVEIRA; BOLDO, 2007⁷) e *O Patinho Surdo* (ROSA; KARNOPP, 2005) estão entre os clássicos adaptados para a cultura surda. Com relação às traduções de literatura para Libras, estas acontecem ao se disponibilizar em Libras um conto, uma poesia, uma anedota ou um outro gênero literário já escrito em outra língua. “Tais materiais contribuem para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços, já que são traduzidos para a língua utilizada pela comunidade surda” (MOURÃO, 2012, p.3). Entre os clássicos já traduzidos para Libras podemos encontrar *João e Maria* (GRIMM, 2011), *Peter Pan* (BARRIE, 2009), *Alice para Crianças* (CARROL, 2007), *Aventuras da Bíblia* (SBB, 2012) e *O Gato de Botas* (PERRAULT, 2011). Segundo Felício, “os contos em língua de sinais tecidos por pessoas surdas são de suma importância para o desenvolvimento cultural dessa comunidade, sendo forma de expressão e manifestação de identidade” (FELÍCIO, 2014, p. 23).

As criações literárias surdas e as adaptações dos contos já conhecidos procuram marcar e representar as dificuldades encontradas pelos sujeitos surdos, num mundo onde a maioria é ouvinte, onde o uso da língua de sinais torna-se o único meio viável de comunicação entre surdos e entre surdos e ouvintes. Nestas histórias os personagens alcançam seus sonhos, suas liberdades, sua cidadania ao terem acesso ao uso da língua de sinais. A literatura surda nos leva a perceber a importância de encontrar congêneres que ouvem pelos olhos e falam com as mãos, de forma a instigar o fortalecimento da identidade surda e divulgar aos leitores os valores e a cultura do povo surdo. Pode-se perceber que o mesmo acontece nas narrativas escritas e sinalizadas, sejam elas brasileiras ou britânicas.

⁷ Não há indicação de ano na obra publicada.

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n.7, p.79-92, 2018.

4. O CORPUS

Já é sabido que as línguas sinalizadas (gesto/visual) não possuem correlação com a língua oficial de um país (oral/auditiva), ou seja, não são uma cópia grosseira destas. Cada comunidade surda possui uma língua de sinais própria, independente e autônoma em relação à língua oficial de seu país. Assim a Língua de Sinais que a comunidade surda do Reino Unido usa para se comunicar é conhecida como *British Sign Language* ou BSL.

A partir da composição deste cenário narrativo, no intuito de identificar marcas culturais presentes nas narrativas surdas, inicia-se a análise de três contos reconhecidos pela comunidade surda, provenientes de diferentes mídias, sendo um deles em BSL. Os vídeos utilizados são produções literárias de narradores surdos. Os narradores escolhidos foram Richard Carter⁸, em *A Coruja Intérprete* e Alan Rodrigues⁹, em *O Patinho surdo*. Agregando-se aos vídeos em língua de sinais, foi selecionado um livro impresso de literatura surda infantil, intitulado *O Patinho surdo*¹⁰.

4.1 – OWL INTERPETER

Em Owl Interpreter - *A coruja intérprete*, Richard Carter narra em BSL a história de uma coruja que usa suas asas para sinalizar. A narrativa conta a história de um menino surdo que não tem vontade de ir à escola, pois pouco aprende com os métodos de ensino lá utilizados. A professora proíbe o uso de língua de sinais na aula, utilizando o método oralista¹¹, o que deixa os alunos surdos atônitos e sem ânimo para estudar. Até que, para a surpresa de todos, a professora traz uma coruja (símbolo do ensino) para a sala de aula. Colocada sobre um pedestal, a coruja começa a sinalizar e interpretar as aulas, escondida da professora. Tal situação deixa os alunos perplexos e, entusiasmados, passam a compreender e amar as aulas. O aluno, que antes não queria ir à aula, agora logo se arruma e, com um beijo afetuoso, se despede da mãe para ir à escola. No entanto, um dia a ausência da coruja intérprete é notada e a aula novamente se torna incompreensível aos alunos, que voltam tristes

⁸ Poeta surdo inglês - <http://www.scielo.br/pdf/er/nspe-2/08.pdf>

⁹ <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4626497P2>

¹⁰ ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodenir Becker. **Patinho surdo**. Canoas, RS: Editora da ULBRA, 2005.

¹¹ A partir do Congresso de Milão em 1880 foi proibido o uso de sinais em sala de aula. Dando início e força ao chamado “método oralista”. Por cerca de 100 anos os surdos foram proibidos de sinalizar nos ambientes educacionais, onde se priorizou o ensino e aprendizagem da oralização.

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n.7, p.79-92, 2018.

e desanimados para casa. No caminho de casa, um dos alunos surdos, triste e reclamando para mãe pela falta da coruja, vê a coruja e desesperadamente corre atrás dela para pegá-la. Com cuidado e carinho ele cuida da coruja, pois percebe a importância dela em seu processo de ensino aprendizagem. Em casa, a coruja intérprete se dispõe a ajudar o aluno surdo em seu aprendizado e o acompanha até sua feliz formatura.

Figura 1 – Richard Carter em Owl Interpreter



Fonte: CARTER, Richard. (2013)¹²

Disponível em DVD, o conto de Richard Carter possibilita aos alunos surdos que o assistem, uma experiência visual vívida, cheia de expressões faciais, classificadores¹³ em BSL e sentimentos. Elementos que traduzem aspectos da experiência visual e da cultura surda. Hábitos e práticas próprias da comunidade surda são percebidos na forma de acordar o filho, de chamar a atenção, pedir um beijo e cumprimentar os colegas surdos. Lembrando-nos de que as produções em línguas de sinais estão sempre envoltas como dito anteriormente, numa dinâmica de inter-relação entre corpo, espaço e movimento. Também é percebida na história a alegria latente do aluno surdo ao encontrar seus colegas surdos, mesmo não tendo apreço pelo ambiente escolar, que se encontra preso no oralismo. A presença da intérprete que passa a usar a língua de sinais apresenta o fator principal que marca a cultura surda, o uso de sua língua natural para a comunicação e o desenvolvimento social e intelectual.

4.2 – O PATINHO SURDO

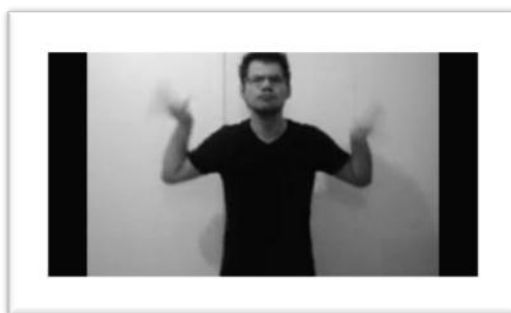
Alan Rodrigues apresenta em Libras o conto O Patinho Surdo, uma adaptação de “Patinho Surdo” de Rosa e Karnopp (2005). A narrativa de um casal de patos surdos que se

¹² Imagem retirada do conto *Owl Interpreter*, disponível no DVD *Hand by Hand* de Richard Carter, 2013.

¹³ Classificadores são configurações de mãos em LS utilizadas como verbos de movimento e verbos de localização. Na sinalização dos classificadores, mãos e corpo são usados para indicar o referente ou o agente da ação.

conhece na Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul. Os patos namoram e a pata acaba por botar um de seus ovos em um ninho alheio. Do ovo, nasce um patinho surdo num ninho de patos ouvintes. O patinho surdo sofre discriminação e preconceito linguístico de sua família de ouvintes e, ao se sentir deslocado, sai em busca de um grupo que o aceite. Em sua busca, ele encontra um grupo de patos surdos com os quais se reconhece e interage. Pertencendo a uma família ouvinte, o patinho surdo fica admirado e estupefato ao saber que existem famílias de surdos. A interação e o pertencimento ao grupo linguístico é tão forte que decidem se encontrar no dia seguinte. Ao voltar para casa os patinhos surdos contam para sua mãe o que aconteceu e esta conta para a família o ocorrido há tempos atrás. Apoiando a esposa, o pato surdo busca um intérprete (o sapo) para poder explicar à família de patos ouvintes o ocorrido. O patinho surdo fica muito feliz ao descobrir que pertence a uma família de surdos.

Figura 2 - Alan Rodrigues em *O patinho Surdo*



Fonte: *Youtube* (2017)¹⁴

A narrativa acima nos faz perceber que a história dos surdos é contada a partir de suas vivências e resistências e, por meio dela, é representado um povo surdo, que está reconstruindo e reconhecendo sua cultura, enquanto luta pela construção e registro de sua história. Por intermédio da criação de associações de surdos e principalmente dos movimentos surdos foi que o povo surdo começou a se narrar como diferente, longe de ser incapaz ou deficiente. Um povo imerso em uma cultura que representa suas diferenças e suas identidades.

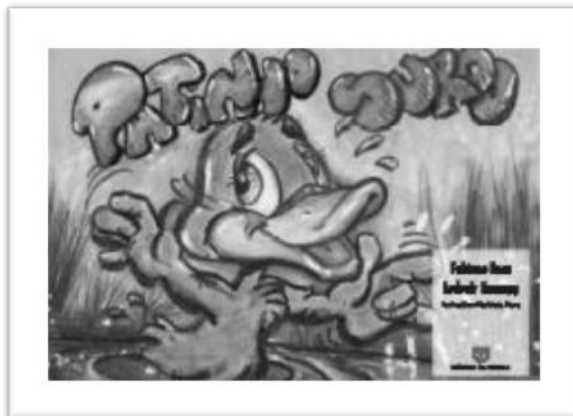
Disponibilizado na WEB por meio do *youtube* a narrativa de Alan Rodrigues pode ser assistida por milhares de surdos e ouvintes, gratuitamente, apresentando àqueles que a

¹⁴ Imagem retirada por meio de *print* de vídeo disponibilizado no *Youtube*. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=hkbG_1YA-24&list=LLOaOXnvC9GvZ3hbIX3uz5KA

acessarem, nuances da cultura surda como a forma de chamar a atenção, tais como: o abano de mãos no campo visual do surdo ou com um toque gentil na pessoa surda; a forma de se apresentar por meio do sinal (nome de batismo surdo), marcação de uma identidade e pertencimento a cultura surda; o sentimento de pertencimento ao encontrar outros que se comunicam por meio da sinalização; a admiração de surdo proveniente de família ouvinte ao descobrir que há outros surdos e também famílias de surdos sinalizantes; a presença do intérprete como mediador entre surdos e ouvintes; e, a alegria de poder conviver com seus pares.

4.3 – PATINHO SURDO

O livro *Patinho Surdo* de Rosa e Karnopp (2005) conta a história de um patinho surdo que nasceu em um ninho de cisnes ouvintes. Por se sentir deslocado e excluído o patinho sai em busca de sua identidade. Quando encontra outros patos surdos, ele aprende com eles a Língua de Sinais da lagoa e, por fim, sua história é revelada à família ouvinte por meio do trabalho de um sapo intérprete. O texto escrito e pictográfico aborda as diferenças linguísticas na família e na sociedade, além de apresentar a importância do intérprete na comunicação entre surdos e ouvintes. Tematiza a importância da língua de sinais, da cultura e identidade surda. As ilustrações em preto e branco são próprias para as crianças pintarem. A história, escrita em língua portuguesa, apresenta as imagens vívidas, onde os patinhos surdos aparecem sinalizando com as asas. Ao final do livro, aparece um glossário com as principais palavras sinalizadas pelo patinho, para que as crianças surdas possam aprender alguns dos sinais da história. Fazendo uso dos recursos pictográficos, o livro leva as crianças a fazerem a leitura de imagens.

Figura 3 – Capa: Patinho Surdo

Fonte: ROSA e KARNOPP (2005)¹⁵

Como aspectos culturais e identitários é possível perceber as seguintes reações no livro: no meio da comunidade surda os patos surdos sentem liberdade em sinalizar e se expressar por meio da língua de sinais da lagoa; assim como os ouvintes choram em voz audível, a pata surda gritava em sinais: “perdi um ovo”, o que leva os surdos a verem a normalidade de falar sozinhos; o estranhamento e a negação da família ouvinte ao perceber que um de seus filhos era surdo; o se sentir deslocado do patinho surdo ao perceber a diferença linguística existente entre ele e sua família, a ponto dele não se sentir membro da mesma; a busca do patinho por um grupo, uma família que fosse igual e o aceitasse; a alegria de encontrar semelhantes que ouvissem com os olhos e falassem com as asas; o auxílio de um intérprete para mediar a comunicação entre surdos e ouvintes monolíngues; o sentimento de pertencimento a esse novo grupo que passa a ser sua família.

Percebe-se que nas histórias analisadas o objetivo dos narradores é explícito ao apresentar, nas mesmas, diversas nuances da cultura surda; como a língua, os costumes, hábitos, práticas e experiências próprias dos sujeitos surdos na busca pelo fortalecimento de sua identidade cultural.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada neste artigo, identificou-se a importância da literatura surda para o desenvolvimento cultural e cognitivo do sujeito surdo. Percebe-se que os

¹⁵ Imagem retirada da capa do livro “Patinho surdo” de ROSA e KARNOPP, 2005. Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n.7, p.79-92, 2018.

membros das comunidades surdas estão cada vez mais empenhados na produção de Literatura Surda (impressa, digital, midiática), mantendo como foco de suas produções a disseminação da cultura surda e o fortalecimento da identidade surda, marcados nestas narrativas pelo uso e empoderamento da Língua de Sinais.

Pôde-se perceber que tanto nos contos sinalizados *A Coruja intérprete* e *O Patinho Surdo*, quanto na obra impressa “*Patinho Surdo*”, os autores apresentam em suas narrativas surdas a luta pelo estabelecimento do que reconhecem como sua identidade e cultura, a valorização do indivíduo surdo e a expressão da língua de sinais.

Sem acesso à literatura a criança surda é privada de conhecimento de mundo, desenvolvimento cognitivo, linguístico, vocabular e cultural, assim como as demais crianças. Destarte, entende-se que as escolas com alunos surdos devem refletir sobre a importância do uso da literatura surda na formação dos mesmos, a fim de possibilitar o acesso ao material literário produzido por sua comunidade linguística e cultural.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5ª. Ed. 2ª imp. São Paulo: Scipione, 1997.

ARAÚJO, Sirlene P. S.; CARDOSO, Helânia C. S. **Novas propostas metodológicas de contação de Histórias na educação inclusiva**. Centro Universitário de Patos de Minas. 2012. Disponível em: <http://perquirere.unipam.edu.br/documents/23456/55708/nova-proposta.pdf> Acesso em: 17 fev. 2018

AUBERT, Francis Henrink. **Desafios da Tradução Cultural** (As aventuras tradutórias do Askeladden). *TRADTERM 2*. 1995. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49913/54030>. Acesso em: 18 nov. 2014.

ALVES, A. C.; KARNOPP, L. O surdo como contador de histórias. In: LODI, A. et al. **Letramento e Minorias**. Porto Alegre: Mediação: 2002.

BAHAN, B. Face to face tradition in the American Deaf Community in H-Dirksen Bauman, Nelson J & Rose H (eds). **Signing the Body Poetic**. California : University of California Press. 2006. Disponível em: <http://content.ucpress.edu/pages/9424/9424.ch01.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2016.

BARRIE. James Matthew. **Peter Pan** (Livro Digital Português/Libras). Tradução do texto original por Clélia Regina Ramos. Ilustrado por Silvia Andreis e Flávio Milani. . Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

CARROL, Lewis. **Alice para Crianças**. Texto traduzido e adaptado por Clélia Regina Ramos e ilustrado por Thiago Larrico. Tradutores para a Libras: Janine Oliveira e Toríbio Ramos Malagodi. Supervisão da Libras: Luciane Rangel. Livro de 24 páginas ilustrado + CD-ROM

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n.7, p.79-92, 2018.

bilíngüe Português Escrito/Libras e história contada em Libras. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

GRIMM, Irmãos. **João e Maria**. CD-ROM e Livreto em Papel. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.

HESSEL, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir Becker. **Cinderela surda**. Canoas, RS: Editora da ULBRA, 2003.

Made by Hand: The Sign Language poetry of Ricard Carter. Produção de Rachel Sutton-Spence: 1 DVD. SCENEO. 2013.

FELÍCIO, Márcia Dilma. O Papel da Tradução e Interpretação na Contação de Histórias Pelos Surdos. IN: **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. Stumpf et all. vol. II. Florianópolis: Insular, 2014. p.187-206

KARNOPP, L. **Produções culturais em língua brasileira de sinais (Libras)**. In: Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 48, n. 3, p. 407-413, jul./set. 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/12616/9930>. Acesso em: 17 fev. 2018.

KARNOPP, L. ; MACHADO, R. **Literatura surda: ver histórias em língua de sinais**. 2º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação (CD) – 2SBECE. Canoas: ULBRA, 2006

MOURÃO, C. H. N. **Literatura Surda**: produções culturais de surdos em língua de sinais. 2011. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade em Educação - Universidade Federal do Grande Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32311/000785443.pdf?...1>. Acesso em: 06 maio 2015.

MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. Adaptação e tradução em literatura surda: a produção cultural surda em língua de sinais. **IX ANPED Sul**. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_Especial/Trabalho/08_31_14_3009-7345-1-PB.pdf. Acesso em: 06 maio 2015.

PERRAULT, Charles. **O Gato de Botas**. Tradução: Clélia Regina Ramos, Gildete da Silva Amorim e Rodrigo Geraldo Mendes. 1ed. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.

RODRIGUES, A. O Patinho Surdo "LIBRAS". Acesso em: 16 maio 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hkbG_IYA-24&list=LLOaOXnvC9GvZ3hbIX3uz5KA.

ROSA, F.; KARNOPP, L. Patinho Surdo. Canoas: ULBRA, 2005.

SBB. Série DVD – **Aventuras da Bíblia em Libras**. Livro + DVD encartado. Barueri. SP: SBB. 2012. 64p.

SCHLEMPER, M.; **Traduções infantis para Libras: o conto como mediador de aquisição sinalar**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/176676>. Acesso em: 06 maio 2017.

SILVEIRA, Carolina Hessel; KARNOPP, Lodenir; ROSA, Fabiano Souto. **Rapunzel surda**. Canoas, RS: Editora da ULBRA, 2005.

STROBEL, k. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. 2ª ed. p. 165-215